

A CONDIÇÃO HUMANA NADIFICADA

Madalena Machado (UNEMAT)

RESUMO: Este trabalho apresenta uma interpretação do conto “Nada e a nossa condição” do livro *Primeiras estórias* e o *Livro sobre nada*. Nele procuramos estudar as formas de sensibilidade do sujeito estampada na literatura contemporânea, identificada com a transformação empreendida, partindo-se do nada existencial. A vida corriqueira, sem atrativos de personagens e seres da poesia, serve como ponto discutível na jornada de descoberta da individualidade criada incessantemente devido às tensões contrárias. Várias são as perguntas oriundas desse processo e visando entendê-las, fazemos uso de diferentes pensadores e/ou teóricos a fim de manter um diálogo com o triângulo racionalidade/sensibilidade/vontade, com o qual identificamos o teor literário de nosso estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Homem; nada; vazio; literatura, vontade.

ABSTRACT: This work presents an interpretation of the story "Nada e a nossa condição" of the book *Primeiras estórias* and the *Livro sobre nada*. In him we tried to study the forms of sensibility of the subject printed in the contemporary literature, identified with the undertaken transformation, breaking of the existential. The current life, without characters' attractions and beings of the poetry, serves about debatable point in the day of discovery of the individuality created unceasingly due the contrary tensions. Several they are the questions proceeding of that process and seeking to understand them, we make different thinkers' use and/or theoretical in order to maintain a dialogue with the triangle rationality/sensibility/ will, with which we identified the literary tenor of our study.

KEYWORDS: Man; anything; empty; literature, will.

Na leitura do conto “Nada e a nossa condição” do livro *Primeiras Estórias* (2001) de Guimarães Rosa e do *Livro sobre nada* (2004) de Manoel de Barros, além da diferença entre narrativa e poesia, entrevemos semelhanças no trato com o humano no que tem de inapreensível. Na estória do fazendeiro Tio Man'Antônio e sua família que se desfaz, temos a idealização de um homem novo através de um

mundo então construído por ele. Desse núcleo único, observamos a trajetória existencial do personagem no conto que prima pela ação do homem para conduzir sua própria vida. Já no *Livro sobre nada*, temos um universo de abandono, de objetos imprestáveis e de uma natureza viva que fala ao homem, este, é ao mesmo tempo intérprete e condicionador para que a natureza tenha seus encantos aflorados e valorizados por si mesmos. Em ambos os textos, a condição humana vem se fartar do nada que explica, conjuga e convoca o homem a existir.

Tio Man'Antônio é o que Guimarães Rosa denominou personagente. É quem prepara uma transformação urdida no silêncio, na quietude dos gestos, no pensamento segredado consigo mesmo. Seu olhar era pura divagação, já que não carecia mais de futuro nem de passado, ele era outra pessoa para quem o conhecia. Tio Man'Antônio, o transitório, o transitoriante, o transitoriador, como que convertido no Destinado vê no nada sua real condição. Na tenção de que está impregnado; apartado dos outros e voltado para si, dá outra dimensão aos bens materiais, distribuindo-os às filhas após a morte da esposa e em seguida aos empregados que o serviam. No gesto de parecer afastar de si quaisquer coisas ou quando parecia largar tudo das mãos, qualquer objeto, o inútil impregna o personagem posto no horizonte que anuncia; irreconhecível através de figuras, assume de forma integral o conselho dado à filha cujo nome – Felícia – e seu questionamento dá firmeza aos passos do pai. À felicidade, à verdadeira segurança suspeitadas, o personagente responde e assume para si o “faz de conta”. Passageiro da vida, lépido, Tio Man'Antônio sem outra palavra, abre-se “À leréia, aquilo, que não se entendendo por carecido ou útil,” (ROSA, 2001, p. 133), porém firme na sua decisão tomada, faz-se exemplo no trabalho continuado de pôr em prática a fantasia de existir. Olhos postos além da montanha como conseqüência de “nenhum ato”, prático à sua maneira, ele queria, tencionava a transparência. Esta implica o inestimar de tudo a não ser as humanas fragilidades. Assim vê e assim é visto, entretanto, ele descobria por sua circunvisão um modo de ser, de encarar o mundo e a si insuspeitos às demais pessoas. Plano em movimento, dentro de pouco tempo ele não seria mais dono de nada, por enquanto só a casa lhe restava, como um fundo de engano, mas “fazia de conta nada ter” (idem, p. 138) assim como se fazia. Em segredo, disposto a tudo, se afastava sem nada interrogar e o nada mais uma vez distribui conseqüências: “o não-fazer-nada, acertando-se ao vazio, à redesiportância; e pensava o que pensava. Se de nunca, se de quando.” (idem, p. 139). Feito um contador da própria estória, esse personagem que desaparece em meio às chamadas da casa em que

morava, agora é motivo do choro incontido das pessoas, é razão para que elas se vejam necessitadas de algo e nada, pedindo paz para continuar a viver. Reduzido a cinzas, o Destinado desmanchou o aspecto do lugar com uma finalidade maior de mudar-se, expor-se ao inacessível como sua condição maior e primeira.

No *Livro sobre nada*, Manoel de Barros compõem um cenário onde o homem não tem primazia sobre a natureza e se vê na falta, no silêncio, “preparado de conflitos”. Composto de imperfeições, esse homem sente necessidade de “transver” o mundo da mesma maneira que se acha sem serventia. Repleto de abandono; sujeito remoto; com ermos na alma o “eu” desse livro não tem esplendor e está para o desnecessário assim como o barato e inútil das coisas imprestáveis. O nada que se anuncia desde o pretexto do livro, o “fazer coisas desúteis” (BARROS, 2004: p. 07) seguidas de abandono por dentro e por fora, faz chegar às coisas, à gente miúda com uma pergunta sempre premente: “Fazia de conta?” (idem, p. 11).

Homem e Natureza ora acoplados, ora disjuntos se apresentam desde os títulos dos capítulos, como em “Arte de infantilizar formigas”, no qual um adulto rememora um mundo infantil criado por ele. Neste, as coisas se anunciam com uma desutilidade poética, de um dessaber para a gente aberta ao desimportante da hora a cumprir, do prazo a valer, do valor a pagar, revela-se à pessoas como Bugrinha que inventava com a força da verdade; do “nosso avô”, modelo do indizível pessoal, descobria o sem princípios do olho do gafanhoto; de Mano Preto com suas perguntas desconcertantes. O pai e a mãe envoltos com as necessidades da rotina miúda, contribuía para a ampliação do universo infantil, que na verdade é um olhar de adulto propenso à retirada dos empecilhos da objetividade. É um nada com a significação maior de um outro mundo, da possibilidade outra, que não a praticidade. Um olhar por dentro das coisas e pessoas respeitando seu interior indiviso, mostrando contudo, sua impossibilidade, tal a grandeza da pergunta sobre Bugrinha: “Fazia de conta?” é também um questionamento sobre as ações dessa gente especial desatenta ao que importa à aparência que julga, condena ou eleva com a falsidade que lhe é peculiar. Fazer de conta nestes termos, é viver de acordo, é ser coerente com a vida em que se acredita, lembremos que tratamos de um nada criador, receptor e doador de sentidos.

O lugar onde os personagens encontram-se, a “lacuna de gente”, a amplidão dos bichos e árvores, marca a distância entre o silêncio e a espera. Uma espera de crescimento, de ensinamento-aprendizagem sem distinção entre o doutor da cidade com seu conhecimento inquestionável e Mano Preto sem “entidade pessoal, só

coisal”. (BARROS, 2004, p. 15). O cotidiano familiar, das visitas aguardadas ou não como a do mascate, abastecia os personagens dos itens vitais a cada um segundo o modo de existir: a mãe, arnica e bolachinhas; dona Maria, brincos e extrato Micravel; o avô se fartava do abandono. Prevalece o sentimento de “coisa esquecida na terra” (idem, p. 17) que é mais que um lamento, é convicção da importância legada ao presente visto como passado. Presente no qual consta a mistura de rã, árvore, pedra e a gente feita do nada criador, por isso ampliada em solidão. O irmão interpreta besouros no abstrato com a pureza da invenção de um brinquedo; Catre-Velho, um traste pessoal ensina com seu à-toa característico, que a voz do cantador deve chegar a traste para ter grandezas. Outra vez a ação do avô, sabedor de coisas imprestáveis anuncia: “Olha o urinol enferrujado./Serve para o desuso pessoal de cada um.” (idem, p. 27) faz do barato e inútil, o inexprimível que revela seu modo de ser.

Quando Bernardo entra no *Livro sobre nada*, temos mais uma aprendizagem por parte do eu adulto. Do diário de Bugrinha entendemos que ele é parecido com o passarinho João-ninguém. O pingo de água no coração para infantilizar formigas é o primeiro passo para as sutilezas da escuta a qual o adulto se expõe. Isto porque “Bernardo fala com pedra, fala com nada, fala com árvore.” (idem, p. 31) ele é o “bocó” aos olhos da mãe. Passarinho, lagartixas, a doçura de uma açucena, um filhote de urubu, as garças dos brejos, as andorinhas, sapo e borboletas iniciam na liberdade o garoto de dez anos que fabrica brinquedo com palavras.

Na segunda parte do *Livro sobre nada*, “Desejar ser”, perdura o sentimento de liberdade ao garoto que, adulto quer ser criança no que há de criatividade, invenção de si em contraposição às regras ditadas pela realidade que molda. Tanto é que se vê espedaçado na vida por não se comportar em todos os sentidos como a criança de outrora, sem medos, sem limites. Do presente, são as linhas tortas que o fascinam, ser destaque é ser lembrado como o diferencial e é isso que o “menino torto” anela. É importante frisar que o fascínio do diferente faz do adulto um ser mais verdadeiro, mais preciso com a vida que enxerga com a vastidão do cognoscível e do irreconhecível. Este é o contexto de um eu sem esplendor, trabalhador atento ao desnecessário cujas coisas celestam; Vadio aos olhos do mundo pequeno das obrigações diárias, é visto com grandeza pela natureza que o circunda e talvez o explique. Receptivo ao despropósito, esse homem conceituado de parvo, cheio de recantos, desvãos é preenchido pelas avencas, Proust, Beethoven, Charles Chaplin com a mesma consistência que desmerece o rito de acordar, cumprir horários e

voltar para casa mais pobre de experiências a cada dia.

Buscando se entender, se completar o homem parece se decompor quando analisa seus primórdios. É a voz como fonte nascedoura do ser que fala desabridamente; a criança que garatuja com seriedade de quem fala o que não tem; a consciência aflorada do inconexo das loucuras aclaradas. Formado de desencontros e insípido à sensatez, este sujeito enseja os delírios verbais, abraça as antíteses e se vê nascido para administrar o à-toa; o em vão, o inútil. Não quer a clareza das horas, das palavras, das pessoas fáceis, quer sim deixar falar a natureza com seu ritmo dissoluto e com ela o humano semelhante às árvores, rãs, pedras. É uma sabedoria brotada no imponderável, no apropriar-se do inapreensível ou resguardar-se de obtê-lo em detrimento da busca. Desejar ser é semelhante ao rompimento do invólucro que acabrunha, mascara. O homem, as coisas nesse livro são vistos sem dimensões cabíveis num manual, alcançam ao contrário, a magnitude do ínfimo, do que realmente interessa conforme ao imprestável.

Equivalente a Macunaíma que colecionava uma porção de palavras feias, o eu que deseja ser, tem por ambição monumentalizar as pobres coisas do chão despercebidas como gotas de orvalho. Quando finalmente no capítulo homônimo “O livro sobre nada” há o chamamento do nada que aparece, o “eu” encontra-se no homem que, no entanto, se reveste de escuro, de indefinição como sua característica principal. Sem ela o que observamos é uma falsa clareza, uma definição às avessas que não dá atenção devida ao humano. A invenção, o não dizer nada, o que falta, saber-se imperfeito são passos para se chegar ao nada que conduz à verdade, esta não está atrelada ao compromisso, ao interesse de determinada palavra seja empenhada ou não, está sim comprometida com o grau de invenção para “desformar” o mundo; de não saber nada sobre as coisas profundas. Sem parecença, destituído das instituições sérias, o homem desse mundo une escuridão com indigência para se situar – sujeito remoto. Já que tratamos da nadificação do homem fica estabelecida a correlação entre o conto de Guimarães Rosa e o livro de Manoel de Barros.

Buscamos neste momento explicações sobre a universalidade do tema entre os dois textos e os pontos afins com um modo de observar o mundo presentes em ambos. Ora, temos ali uma maneira de expressar o sujeito humano em que consta a ausência da objetividade, das certezas comprováveis. Esse homem que pensa e tem oportunidade de divisar as coisas de forma inteligível, causa polêmica desde as reflexões acerca da razão anunciadas por Heráclito (540-480 a.C.) e seu

pensamento originário. Nele temos um raciocínio cujo alcance foi esquecido ou relegado a segundo plano, tal a profundidade que passou para a História como “o obscuro” porque adotava o termo *Logos* muito além do sinônimo razão, mas sobretudo de palavra, discurso, linguagem, colheita, reunião ao ligar inteligível e sensível como maneira mais adequada para se tratar do homem, ponto de convergência entre tensões contrárias. Sócrates (469-399 a. c.) foi quem primeiro tratou da subjetividade do sujeito quando questionava as certezas cristalizadas levando seu interlocutor a duvidar do que sabia, por isso era fundamental o homem colocar em prática seu poder de escolha consciente em relação a todos os setores da vida. Mesmo vítima da liberdade que pregava, ele foi o primeiro a fazer o sujeito a pensar por si. Platão (428-347 a. c.) ao conceber homem e estado como inseparáveis, atribuía à razão objetiva a condição fundamental para se falar de uma filosofia da individualidade de acordo com os princípios da *polis*. Dessa maneira, a natureza humana ficava subordinada aos interesses de uma coletividade que ditava as regras do certo e do errado. Na Modernidade, René Descartes (1596-1650) usa a razão como ferramenta possível a desvelar os segredos do universo, conseqüentemente do homem. Adotava como tarefa inadiável, mesmo enquanto interesse pessoal, diferenciar o verdadeiro do falso; aceitar como verdade somente aquelas coisas capazes de passar pelo teste de racionalidade. Isto é claro, tomando o assunto e dividindo-o em partes como se fosse uma pedra a lapidar. Movido pela dúvida, o sujeito tinha apenas a certeza de existir, assim mesmo enquanto se colocasse sob questionamento semelhante a tudo aquilo que acreditou até então como fruto da clareza e precisão quando não passava de débeis constatações isoladas.

O cartesianismo adota como fundamento absoluto de objetividade a Deus por garantia de um conhecimento seguro de todas as coisas. Descartes no *Discurso do Método*, no intuito de desenvolver uma filosofia capaz de explicar o homem, tinha como princípio primordial a certeza de ser através do pensamento. A verdade do raciocínio “penso, logo existo”, passa pela dúvida do eu que está dividido entre as exigências do corpo e da alma. Movido exclusivamente pela razão, René Descartes foi incapaz de encontrar sabedoria nas emoções haja vista até pelo testemunho de sua vida particular, tanto é que afirma nas *Meditações*: “ainda não sei com suficiente clareza o que sou, eu que tenho certeza de que sou;” (1999, p. 258). Sentir e imaginar são vistos por ele como algo pouco claro, fora do homem e talvez nada em si. Nisso, o filósofo abre um parêntesis para confessar “que a vida do homem está

sujeita a falhar muito assiduamente nas coisas particulares;” (idem, p. 334). Dessas “coisas particulares” se nutre os dois textos que ora estudamos. Se, desde os tempos dos filósofos originários, a filosofia se apoderou dos ideais da poesia no que corresponde à ação humana, na vida sentimental e intelectual, na sua reivindicação em exercer o domínio espiritual, a literatura do século XXI põe em relevo as condições de sensibilidade aduzidas naqueles ideais. É um modo de enxergar o homem, as coisas, a natureza possibilitando-os a falar por si, deixar fluir a emoção da própria invenção; sem condicionamentos, sem regras da razão objetiva, o que prevalece é ser de forma integral, consciente do velamento possível quando há um desvelamento à vista.

Baruch de Espinosa (1632-1677) com o novo racionalismo do século XVII colocará o homem em ação para desfazer a noção de mistério que o impede de conhecer-se, ou seja, de buscar o conhecimento pela causa. Não se pode colocar a idéia de bem ou mal em se tratando da essência humana, pois ela aparece pelo esforço de preservação e expansão do ser que está em união entre alma e corpo. É a particularidade, é ser uno em contraposição com as idéias generalizantes, o objeto do conhecimento reflexivo. Ter a idéia, esta devendo existir primeiramente como instrumento nato para quem quer definir o homem, isto é, explicar sua essência íntima. Com as inconstâncias humanas, com o que foge à regra, as exceções postas, o homem vive feliz se se esforçar em conservar o seu ser, se der a causa, se agir levado pela Razão. Haja vista que o homem ao saber de si não deve se colocar enquanto membro de uma “pluralidade ou de um certo número de indivíduos,” (ESPINOSA, 1997, p. 546) que não signifique nada para seu contexto, mas encontrar a natureza como é em si mesma, sendo ele parte daquela, unindo-se à natureza chega-se ao conhecimento racional de Deus, o ser perfeitíssimo também chamado de Natureza por Espinosa. Compreendendo-o, fazemos o mesmo a cerca de nós mesmos, pois Deus é a totalidade e causa primeira de todas as coisas e é dotado de substância, vale dizer, existe em si e por si é concebido, conseqüentemente não pode ser dividido. Temos no pensamento do filósofo que “um homem é causa da existência mas não da essência de um outro homem” (idem, p. 176). É certo que ele pensa, mas só existe quando os modos de pensar são provenientes da idéia da coisa pensada, daí poderemos dizer se este ou aquele homem existe, depois, se persevera na existência. Para isso o pressuposto inicial é entender-se como ente, ter uma percepção clara e distinta e só então reconhecer o fato de existir.

Diante do exposto temos que em “Nada e a nossa condição” o que prevalece é o abandono da objetividade, um reconduzir a vida sem os excessos da razão alienante. Existir equivale a aproximar-se e desaproximar-se na toada do devagar das horas, do homem que pensa o que não pensa propenso a tudo e a nada ao mesmo tempo. Ele é a condição, é o “se” de um novo e necessário segredo tecido em longos solilóquios; receptivo ao que não tem explicação, espera o que vem do horizonte junto às “coisas graves, grandes, sem som nem sentido.” (ROSA, 2001, p. 132) descobertas após se ver “por detrás de si mesmo”. A palavra escassa, o jeito de ser de Tio Man’Antônio expressando uma linguagem toda sua que é a linguagem do homem feito de nada condiz com o pensamento de Heráclito de Éfeso. A harmonia do ser observada junto à pluralidade e mutabilidade das coisas particulares e transitórias é o ponto de partida para seu pensamento. Se Tio Man’Antônio agia de conformidade com o “se”, os homens seus empregados o viam como estorvo para a posse que lhes era assegurada com a morte do patrão. Nisso entramos no fragmento 10 de Heráclito: “Conjunções o todo e o não todo, o convergente e o divergente, o consoante e o dissoante, e de todas as coisas um e de um todas as coisas.” (2005, p. 88). De fato, o personagem de Guimarães Rosa, seja neste conto que estudamos ou em outros da sua obra é sempre alguém que o universo gira em torno, é dele as ações, inações das quais dependem a vida dos personagens. Não nos referimos a um modelo, esteriótipo, é bem o contrário. O personagem põe em prática o “desejar ser” do *Livro sobre nada*, no que há de liberdade, de criação de si muitas vezes incompreendida pelos seres da convivência diária. Outra vez vem a calhar o pensamento originário de Heráclito no fragmento 18: “Se não esperar o inesperado não se descobrirá, sendo indescobrível e inacessível.” (2005, p. 89). Assim, temos inversamente aos pensadores posteriores a Heráclito não o desdobrar-se pela clareza, buscar as causas e conseqüências das coisas, da natureza e do homem, mas é o saber-se incompleto e indecifrável como base da existência. Não menosprezar por isso a sabedoria que o homem pode adquirir tendo para si essa premissa, contudo, é um outro olhar menos severo, menos dogmático, mais condizente com a vida que permanece e muda, transforma.

Como se coloca sob questionamento se os loucos voltam para casa todos os dias à tarde com a mesma solidão no *Livro sobre nada*, assim o escuro que habita o homem se identifica com o sem serventia, com o desnome que diz quem é o sujeito do abandono: o desacontecido, sem eternidades menos ainda cupidez. A mutação se dá no entre, no por enquanto. Esse homem que não serve mais pra pessoa, é

taxado de louco, de “João-ninguém” porque não está sujeito aos paradigmas de um mundo feito ao nascer. Mário-pega-sapo cresce em estatura existencial cuja alma traz o “não saber nada sobre as coisas profundas” (BARROS, 2004, p. 77) que o eu adulto a poetizar consegue não descobrir. É a necessidade urgente de “desformar o mundo” que se imprime no livro de Manoel de Barros. A correlação com o conto de Guimarães Rosa se dá em que em ambos não temos um apagamento da dúvida nem a intenção de separar o verdadeiro do falso, o sujeito do mundo e o sujeito de si. A ação em si diz muito pouco do homem neste mundo a se fazer; a peculiaridade do uno, o homem à parte que Espinosa condena e Heráclito valoriza pode ser encontrada ora na narrativa ora na poesia sob diferentes pontos de vista.

A razão universal proclamada por Heráclito tem no dizer, no deixar falar do mundo, do homem e da natureza sua consistência. A unidade subjacente à multiplicidade dá teor ao caráter mutável da realidade compreendida de conflitos em tudo comum ao homem. Na literatura do século XXI encontramos uma relação mais aproximada da visão de Heráclito sobre o mundo. Em Rosa, por exemplo, a ação que se desenvolve é carregada de tensão, de um modo que quer ser, ser de forma única; de uma tenção em assegurar uma vida cujos sobressaltos contribuam à plenitude específica do homem. A “reformaço” que Man’Antônio empreendera na fazenda é antes de tudo um reavaliar da existência, vista pelo comum da gente como uma “ação de desconcernência” a “impura perfunctura” na qual não se enquadram. Esse homem que traz em si o encoberto provocador da curiosidade alheia, se impõe pela separação de suas decisões tomadas. Não deixa à vista sua real intenção, cuida daquilo que não tem ocupação, em sua mente ocupava o nada e o tudo do nenhum ato. O personagem movido “conforme a si mesmo”, passo manso, olhar posto no horizonte, no limiar que lhe explica, fica no entre “ter sido e vir a ser.” (ROSA, 2001, p. 135). No ato de ir buscar-se entrevemos em Man’Antônio o princípio, a causa e conseqüência de seu modo de ser, sem ataduras anteriores que pudessem fazê-lo regredir ou medir os passos da caminhada.

Heráclito (2002) de Martin Heidegger confirma as avaliações propostas pelo pensador originário. Nesse livro “o homem é a localidade da verdade do ser e, somente por isso, ele pode ser a errância errada do nada vazio. O homem é aquele que é à medida que constantemente não é o que é.” (2002, p. 382). Nisso temos um constante deixar ser, o discurso formador de Heráclito vem depositar no homem a confiança pelo que se descobre, sabendo-se limitado enquanto quer impor uma verdade absoluta. A verdade do ser, entretanto, está, precisa do homem verdadeiro;

daquele que espera e acena, silencia e fala com a mesma solicitude. O silenciamento que contamina, conduz à essência humana é capaz do desvelamento enquanto abriga o velamento necessário. Ora, se é característico do homem o uso da razão, o deixar-se da emoção, é na vontade que se concentra o esquecimento de si entregue a si mesmo como forma de se chegar ao resguardo do ser. Se voltarmos ao conto, veremos que isso acontece com o protagonista que expia suas faltas anteriores, seu *modus vivendi* contrário à vontade particular com um retorno a si mesmo, ao guardar para si o mistério e viver a fantasia da vida. É uma relação que contempla realização e abrigo no próprio homem. O que subjaz ao sujeito e é a essência volitiva peculiar ao ser segundo Heidegger, é a “re-presentação que apresenta tudo para si e se apresenta como o que domina todo o subsistente, o permanente, a armação.” (idem, p. 391). A vontade específica que assegura a dignidade da essência humana, por vezes causa estranheza, como observamos no conto de Guimarães Rosa, no qual o inabitual ganha o primeiro plano na expectativa de que haja o habituar-se do afastamento. A fim de transpor as estreitezas do pensar construído com as constringências, o homem abandona a ocupação e o pensamento com muitas coisas e reconhece que o saber em sua modalidade única está no a-se-saber. Engrandecer-se no humano é co-responder à atenção da palavra, da linguagem, do discurso que é único, intransferível, no anunciar que cada homem é capaz. Dar testemunho de vitalidade nesse sentido, corresponde a uma introdução sempre renovada se tivermos no “dizer” o tocante ao essencial.

Sem pretender falar pelos homens nem pelas coisas, muito menos pelos animais é o “discurso coisal” do “idioleto manelês arcaico”. Nele, temos asseguradas as palavras que escondem o homem, no ilogismo de um verso saúda-se a falta de habilidade pra clarezas. Não há acúmulo de coisas, ou melhor, só das imprestáveis; as dimensões que marcam a exuberância são apenas as do ínfimo, do irrisório que representam, contam do homem afeito ao nada. Tomemos a título de comparação o fragmento 17 de Heráclito: “Muitos não percebem tais coisas, todos os que as encontram, nem quando ensinados conhecem, mas a si próprios lhes parece (que as conhecem e percebem.)” (2005, p. 89). Isso acontece porque geralmente não se deixa as coisas se expressarem, lança-se sobre elas um conhecimento imaginado sem, no entanto, lhes proporcionar o poder da própria fala. A sabedoria não é senão inquirir das coisas. O saber de si, pensar sensatamente conforme Heráclito, é um poder conferido a todos os homens, mas nem todos o realizam. Dessa forma, vigora no *Livro sobre nada* a potencialidade do sujeito: “Tem

mais presença em mim o que me falta.” (BARROS, 2004, p. 67). Nesse livro soçobra o que não tem certeza, o homem que não tem certa noção a oferecer, só um avesso a mostrar.

Notamos que entre os dois textos de nosso estudo, há uma atenção dirigida à travessia. O mundo do devir está constantemente mobilizado pelas cercanias de vida e morte que se faz no entre, no meio do caminho. Ora é Man’Antônio a se desdobrar num apelo vital, fazendo-se em cada lance da existência quando se prende ao silêncio da escuta, ora é o adulto que rememora a criança inventiva que luta por persistir no universo moldado, querendo a verdade da poesia a fim de se chegar à junção entre ser, parecer e essência. O homem colocado nesse espaço tende a não optar pela luminosidade das certezas nem pela obscuridade do que não se alcança, ficando na tendência a reunir aquilo que se esconde. Nesse trajeto existencial, a subjetividade do sujeito vai se desdobrando na medida em que há um desapego à matéria, aos objetos. Em “Nada e a nossa condição”, por exemplo, temos a fazenda como símbolo do poder que vai aos poucos se transferindo, às filhas, aos empregados do fazendeiro; a casa como último domínio do homem que se definiu a vida toda pela posse dos objetos. Estes, ao chegar no estágio de sua completa desvitalização, dará condições ao poeta de essencializar o nada que fortalece o homem. Dispostos dessa maneira, personagens, seres poéticos compõem um mundo onde a experiência de viver está diretamente ligada ao jogo da perspectiva da subjetividade.

A existência que se cria e recria de forma incessante requer um novo tipo de homem. Por isso há a transformação sempre em gestação na narrativa e na poesia. Nela vemos algo, alguém por vir, por se criar com os encantos, os recantos indefiníveis. Se existe esmero por uma definição lógica, ela logo se torna não condizente com a vida que se estampa na literatura cuja verdade poética suplanta a verdade do saber. Às coisas sensíveis que se anunciam ao ser humano modificado, falam mais a ele, dele com sentido profundo de uma mundivivência necessária. Não há mais o projeto de se estabelecer o sentido do mundo, mas, criá-lo com a maior criatividade possível cedendo espaço ao que não se alcança, o entre-mundos, ao indizível que se busca. Daí temos que “o grande movimento é a volta. Agora, pelos anos adiante, ele não seria dono mais de nada, com que estender cuidados.” (ROSA, 2001, p. 137). Como o narrador de Rosa salienta, os cuidados a seguir são de outra natureza, mais premente com o novo ritmo existencial.

A interpretação do humano na condição em que o nada superabunda no

homem, exige um pensar medido nos próprios confins. Todavia, se a conformação nega que “o nada, o outro de todo ser, subage na totalidade do real” (SOUZA, 1997, p. 135), então, é comum haver um recolhimento no qual o sujeito se mostra diferenciado. Aqui se opõe o dizer ao fazer, um anunciar de modo único. Ganha espaço o louco, o incompreendido, o homem de muita idade e elevada sabedoria ou a criança munida de uma curiosidade exacerbada; todos a co-responder com o não-ser partícipe de uma introdução indispensável. Observemos neste contexto que a linguagem destacada em detrimento da ação não é observada no sentido de vir a esclarecer, aparar arestas, sobrepujar obscuridades do texto, do homem que fala e sente de acordo com os meandros onde se move. Antes é a expressão deste vultear, do trânsito iniciático de vida e morte.

No capítulo “Os outros: o melhor de mim sou Eles” do *Livro sobre nada*, Manoel de Barros se esmera por identificar na ação dos desvalidos, a qualidade humana amplificada. A exemplo, temos o pintor boliviano Rômulo Quiroga, Mário-pega-sapo, seu Antônio Ninguém, o filósofo Bola-Sete, Arthur Bispo do Rosário e o andarilho Andaleço. O pintor ensina a extrair das derrotas a força do artista com a mesma espontaneidade com que é preciso para quebrar a retidão da vida. Mário que abria sapos para saber do futuro, ia aos velórios com o mesmo enternecimento, é objeto de inquirição, de muitas interrogações sobre seu silenciar significativo. Antônio Ninguém é o sujeito desacontecido, se jacta de ser uma ruína concupiscente em tudo e por tudo dessemelhante. A filosofia de Bola-Sete leva ao beco que “é um lugar que eleva o homem até o seu melhor aniquilamento” (2004, p. 81) desfazendo-se da biografia bem comportada para se equiparar à Antoninha-me-leve, a Eminência dos becos. Ali é onde se dá a junção do sombrio com a miséria, ali também é onde ocorre a travessa; lugar de passagem, de aprendizado. Arthur Bispo do Rosário é quem se proclamava Jesus com a mesma veemência de acreditar em nada e em Deus. Andaleço é o Homem do Saco (com todas as coisas inapropriáveis) cuja direção é a pessoa do vento. Sujeito desenxabido, só encontra compreensão entre os loucos. Estouvado, tem a ingloria por pretensão e uma pergunta inevitável: “Todas as coisas têm ser?” (ibid, p. 85) ele que se nivela às coisas, pensa por si enquanto sujeito longínquo.

Werner Jaeger em *Paidéia* (2003) ensina como a idéia filosófica grega do cosmos dá origem a uma nova representação do homem e do mundo. Se a harmonia é o princípio do cosmos em Anaximandro, em Heráclito isto se dá através da tomada de consciência dos homens da eterna luta entre o Ser e o devir. A

consciência do “eu” ocorre pelo conhecimento mais aprofundado com a vida, pois, palavra e ação são indissociadas. Temos então que “o homem de Heráclito é uma parte do cosmos.” (JAEGER, 2003, p. 228). As obras de Guimarães Rosa e Manoel de Barros não deixam de apresentar uma cosmogonia afinada com estes pensadores originários. Vejamos. O mundo poético de Barros busca um sentido novo e elevado da vida carregado da natureza criadora. Nos poemas do *Livro das ignoranças* (1997), especialmente o capítulo intitulado “Mundo pequeno” há a fala do poeta que se procurou a vida toda e não se achou, por isso foi salvo; descobre que todos os caminhos levam à ignorância na mesma medida do fazer coisas inúteis. Quando se vê agregado vegetalmente às coisas, acha o que não procura; em seu olho há um “coisário de nadeiras”. O homem das ignoranças está na categoria da doce independência de não escolher, só sofismar porque “tem um silêncio feroz.” (1997, p. 89) iniciado aos treze anos nos desvios da palavra desenvolva pela vida cujo gosto tem sabor, predileção por nada amanhecidos ou por acontecer. Esse Mundo pequeno é habitado por muitos bichos, árvores que se confundem aos homens do lugar; Cuiabá, Corumbá é só um pretexto para fazer pessoas como Felisdônio, cujo profetizar do alto de sua sabedoria anuncia “que as coisas que não existem são mais bonitas.” (ibid, p. 77).

Na mesma proporção, *Primeiras Estórias* apresenta contos memoráveis como “Nenhum, nenhuma” com o menino da infância aprendendo os mistérios da vida que junta o “ignorado e o sabido”. Esse menino que conhece o Homem, já velho, de quieto proceder e sem falar, desconfia do caminho para onde nos apontam porque beira a paz e angústia misturadas. A Moça e o Moço; o Homem e a velha Nenha que oferecem a cifra do inescrutável, pontuam a vida do garoto, feito vento desgovernado fazendo “o caminhar das sombras de uma pessoa imóvel.” (ROSA, 2001: p. 101). O Homem com seu quieto ser proporciona reflexões acerca de seu saber, mas não do por que, isto faz a criança entender que “a gente cresce sempre, sem saber para onde.” (idem, p. 103). Assim o homem cresce em estatura, cresce no silêncio performativo de entender como a gente sabe o inominável; sem poder, contudo, decifrar seu rosto porque está no limiar. Visto por este ângulo, resta esperar pelo “terceiro pensamento” com a mesma solicitude formadora do mundo.

Na enunciação incessante de vida e morte a que a literatura se propõe, o ser humano vive a essencialização da nadificação, tanto mais desenvolvida quanto “o espírito humano permanece sempre o anônimo de si mesmo.” (SOUZA, 1993: p. 128). Por ser desse modo, encontramos o “desnome” dos habitantes da poesia de

Barros; ser ninguém é ser propício aos desencontros firmados no ermo existencial. Estar presente, à semelhança dos contos de Rosa, é se disponibilizar à diferença, atrelar o efeito da vontade à capacidade de ultrapassar o miúdo da encenação diária do viver. Neste meio, enquanto temos um homem de silêncios profundos, temos uma vicissitude por acontecer. Na mudança que aos poucos se cumpre ele se imiscui; aí temos o nada agindo, o nada que transforma, gera um outro nada arranjador do humano. Buscar a palavra impronunciada; fazer o que normalmente não se faz, são desníveis comuns em personagens e/ou seres poéticos cuja desenvoltura existencial vai “assinalando a vereda do nada na senda do ser, (...)” (ibid, p. 134).

Quando pontuamos a necessária nulidade do homem como fundamental para ele se encontrar, temos um trajeto por ser construído; um começar como o das árvores e um “crescer pra passarinho” tudo conduzindo a uma emancipação sem fronteiras. Ora com as grandezas dos trastes, ora é o falar coisa nenhuma ou mesmo não falar coisa com coisa, mas que implique um aprendizado, um ensinamento com a desenvoltura de quem reconhece não saber o nonada. Perito no sentimento da coisa vã, menino, homem, velho aborrecidos da igualdade e em busca da estranheza suprem-se do inesperado. Esquecido na terra, obscuro a si e aos outros, o personagente; o homem afeito à coisa alguma ligado a nenhum lugar, está disponível ao abandono. Quer a reentrância, marcar o subterfúgio, ser limitado pelo horizonte com a devida displicência. Diante do imponderável, inventar um mundo e crer nele traz a entidade que se busca. Por um lado é o ser coisal, por outro é admitir a terceira margem, são atos voluntariosos dos quais se acercam uma sabedoria acrescida ao desuso, ao desimportante.

A manifestação da vida observada tanto na narrativa quanto na poesia que estudamos constitui o que poderíamos chamar de leis da sensibilidade. Se atos ou configurações deles diferem do comum das gentes, é porque significam uma inquirição ainda não vista. Interesses coligidos; afrontas impensadas formam o vácuo a que são acusados os portadores do sensível, os amantes do inefável. Temos em contraposição àquelas condições, a suavidade da voz, o desapego da congruência. Há um descortinar ininterrupto de horizontes que não se alcançam, mas fascinam pelo aceno. Daí surge a distinção, a vivência emotiva, ambas, prerrogativas da existência descentrada; formando a percepção do mundo agregada aos contrários que se complementam. É importante ressaltar que nessa literatura, o eu humano não se farta com a própria desenvoltura nem se vangloria de parecer

dominar sua significação mediante um mundo estupefato, ao contrário, permanece estranho de si mesmo, tampouco se oferece em diafaneidade. “Invencionar-se” por meio do “ato de existir se perfaz no cenário móvel do adeus como uma operação poética, uma obra de arte, um projeto instituidor de sentido.” (SOUZA, 2004, p. 222).

O personagem de Guimarães Rosa é aquele que traz o mundo em si, confiante nas calmas e nos ventos se assenhoreia do estado passageiro de sua condição. Para ele, “Tudo se inestimava, porém, para Tio Man’Antônio, ali, onde, tudo o que não era demais, eram humanas fragilidades.” (ROSA, 2001: p. 136). Descobria com o mesmo ar circunspecto a fantasia da vida da qual ensinava à filha, aos homens da fazenda. Depostas as razões vigilantes e iniciada as contradições, o personagem instaura a dúvida com o poder de quem nada interrogava mais. Há o fundo de engano do qual extrai a força de seu ser, visto por seus ex-servidores e agora companheiros, como aquele a explicar. Como ele fazia a si mesmo de conta, não havia escrúpulos a medir, satisfações a dar visto que seu mundo cada vez mais se fazia maior. Com aquela gente humilde o personagem se identificava, daí o estar com eles, fazer o mesmo serviço, doar-lhes os pertences adquiridos com a força de trabalho deles, “os muitos, descalços servos, pretos, brancos, mulatos, pardos, leguelhês, prequetês, enxadeiros, vaqueiros, camaradas” (idem, p. 137) neste último atributo dado pelo narrador a estes homens, vemos a simpatia pelos desvalidos enquanto expõe subliminarmente o quanto podemos saber de nós quando nos colocamos no lugar do outro.

Se antes os objetos, a posse deles dava a idéia adequada do homem, seja a fazenda dividida, seja a casa incendiada ao final da estória, são, contudo, marcados pela ênfase em seu desprestígio; poeticamente, os objetos ganham subjetividade através do deixar-se, de não se levar em conta. O gosto pelo que não se acostuma, toma corpo porque o que importa o que fica mesmo e não significa empobrecimento é não perder o nada. Como consta no fragmento 45 de Heráclito: “Limites de alma não os encontrarias, todo o caminho percorrendo; tão profundo logos ela tem.” (2005, p. 92) o ilimitado, a linguagem que diz o homem, transporta-o para o sem cercania, impregna-o daquilo que ele é. Por esta via, elevar-se é a um só tempo submergir-se ao inalcançável. Nesta perspectiva temos o garoto de 13 anos aprendendo com o pai: “Só o obscuro nos cintila.” (BARROS, 2004, p. 15) concomitantemente deseja ensinar-lhe a arte de infantilizar formigas devido ao seu campear ininterrupto, ele, morador do fim de um lugar.

A sabedoria, invólucro das coisas e bichos do pantanal que Manoel de Barros

se esmera por contemplar, ensina a arte de viver reunindo-se ao desamparo dos páramos. Também o verde das campinas, a montanha que no seu alto proceder, manifesta integração aos atos do homem; acolhe seu modo íntimo de ser em “Nada e a nossa condição”. Por um lado, o “dessaber” comprido como o canto de bem-te-vi; o arãquã levantando o amanhecer; à espera de rolinhas; a noite congelada de jacintos revertendo o “pensar que a gente cessa é íngreme.” (idem, p. 33) Por outro, há um desassombro com o que vai por dentro; um jeito de entrar para gente como quem entra para árvore; de pensar o que normalmente não se pensa, só divisando o que inútil parecer. Na colheita de apreensão da esperança ou expiação do homem na senda do ser, há incompreensão. Mas isto não desfavorece quem está pronto a existir sem servir por uso; vislumbrar o horizonte como estando à beira do abismo, sem meta traçada nem resistência às contradições a que se está exposto.

Novamente encontramos um paradigma com Heráclito, desta vez citando o fragmento 50 o qual expressa: “Não de mim, mas do logos tendo ouvido é sábio homologar tudo é um” (2005, p. 93). No capítulo “Desejar ser” do livro em estudo de Manoel de Barros, nos deparamos com um ser atônito construído com pedaços de si. O que nos leva a inquirir: ora, como se dá esta construção, que diagramação encerra? Se não temos história a rever, como falar em estória a erigir? Onde se dá a reunião do que se sabe com o desconhecido, passível do homem encontrar através da audição do logos/acolhimento? As linhas tortas, as viravoltas da vida que não moldam o sujeito, mas o faz destaque a si mesmo enquanto perquirição necessária, expressam a motivação do esclarecimento a que ele se propõe. Tão justa quanto atenta às elucubrações interiores, esta prerrogativa não é senão lançar-se às paragens do que se mostra compatível ao que não tem confirmação. Junto às coisas rasteiras do chão, a mínima validez, o evanescente congurado ao lodo escuro, confirma-se a humanidade não por meio de uma analogia pura e simples, todavia, pela vida que se deixa especular; nos objetos-trastes sem finura; nas borboletas reles a “imensar” a paisagem; a divergência do uso da palavra “bosta” por falta de uma mais solene: assim se escreve a noção do *quantum* desfigurado, reporta-se ao começo sem início e ao fim não começado propício a traduzir o humano menos senhor de si e mais salutar ao entendimento. O parvo, o bocó, aquele que se sente um esgoto, o inclassificável, o beato em violetas compõe o substrato humano incapaz de uma síntese sequer arbitrária. Por isso, há o tropeço das medidas proveitosas. Há inclusive a banalidade do que seja discutível porque o interesse fica por conta do raiar da solidão indicadora das formas de sensibilidade, esta podendo

(devendo?) ser permanente.

Quando o personagem não se deixa conhecer através de figura é porque se propõe a busca de si nas asas da montanha, esta que dobra a fazenda, é um índice da sabedoria que se procura. Paisagem de sombras e grotas, olhos postos na montanha alta, então como conseqüência de nenhum ato, quando se via no industriado, ia buscar-se no futuro. Sobre as asas, atinge a luzência com o fogo, as cinzas, só, “como as conseqüências de mil atos” (2001, p. 140) do passado. O que equivalia a submeter-se aparentemente às funções do mundo, embora trouxesse em si o mundo que ordena ou implora com a mesma acuidade, uma parte dele mesmo. O campo pode estar coberto de bois, mas a existência está fastidiosa, tudo se transforma no inestimável. São os detalhes que importam num novo proceder, a capacidade para estouvamento, o espriar da liberalidade dando parcimônia do que realmente vale. Desavisado quanto a afronta do seu descabido modo de ser, o homem do aprendizado em trânsito, descobre a cada medida inventada, a rarefação do antigo. Observamos nas investidas curtas, nos passos aparentemente trôpegos, a formação do homem através do seu fazer de conta. Familiar ou desconhecido este reto comportar-se, agora de acordo com a própria circunstância, revela benevolência. Revela um deixar fazer por conta reportando-se ao justo, à compreensão do que fica.

A harmonia aspirada pelo novo homem tem relação direta com a observância que é capaz de empreender. Está atrelado não a um ser eterno, mas, antes ao eterno ser que implica reconsiderar, refazer-se diariamente, por isso há ruptura com as formas anteriores de elaborar o mundo. As desigualdades são bem-vindas porque são o *a priori* a se cumprir quando existe o devotar-se ao conhecimento, aprofundamento na esfera do sentir/fazer. As convicções dos homens adquirem um novo formato e aí soergue-se enquanto unidade que precisa de complemento; saber orientado para a vida, agora interessa conhecer o que se faz, qual a ordem de problemas e qual posicionamento tomar diante dela.

Com a amplitude de quem tira da natureza as naturalidades, o herói poético pensa, adquire formas ainda não determinadas. Vasculha a alma alheia sabendo de antemão não descobrir o explicável; tem consciência do dever de refazer os becos, retornar ao caminho impensado, contar-se entre os incontáveis, seria igualar-se aos tontos do beco? Serenar com as coisas inevitáveis, arrancar flor de pedras e andar atoamente dá ensejo ao herói de somar-se no isolamento. No tocante ao tempo contado pelo andarilho e mesmo pelo relento que abriga os lagartos, há arpejos no

eu que sente mais do que produz. Prepondera a integração com as árvores, as chuvas, o sol que queima na exatidão de um modelo de pássaro ajustado à voz do homem.

Como adiantamos, a solidão é o processo fundamental a fim de alcançar a transformação que exige do homem mais de si, enfim, maior afinidade com sua condição vital. Por infinitar, entendemos as demonstrações de diligência para com as pessoas encontráveis nas coisas materiais, nos minerais, cuja textura reveste o homem da imobilidade participativa da vida. Nesse se apropriar, descortina-se falsas pretensões, o “estudamento” é o das árvores, dos animais e seu saber espontâneo infinitando as interpretações. Não há predileção pelo ostensivo a não ser a amostragem da estranheza, do que não entretém o homem comum sem, contudo, deixar preceitos a seguir. O seguimento se faz, ao contrário, por meio da liberdade de escolha, de tomar para si as fronteiras cambiáveis entre parecer e ser. O equilíbrio deste gesto diverge de um mero questionar, constitui por isso em diferimento concludente. Acurado, o homem deste espaço existencial agiganta-se. Enormidade de si pode ser detectada se notarmos a migração de definições dada pelo narrador ao sujeito do mundo no texto de Guimarães Rosa. Primeiro, ele é visto como apartado, esquivo à convivência, sem, no entanto, causar tanto interesse. Na atitude de se calar, surge um olhar mais abrangente e o personagem passa ao estágio da preparação de um novo estado, este, seduzível. Plano em ação, é outra espécie de pessoa. Se descabido, incompreendido, não importa; ao invés da maioria dos homens, o personagem principal faz-se texto sem decifração, apenas deleite.

Como pretende Martin Heidegger (2002), o homem ao se propor questões, acerca-se ao interpelamento de quem na verdade é. Embora traga em si o encoberto, o fato de não se declinar, responde por meio da perquirição o pretexto de existir. Na constituição do que somos e entendemos aduzido na literatura, é oportuno frisar a relevância do questionar-se. A estória de número 12 de um total de 21 daquelas denominadas Primeiras, revela um comportamento humano marcado pela experiência de quem quer resguardar-se. Mas é um resguardo diferente. É polêmico sem ser alardeador; ataca o ser trivial por mais de um ponto parecendo não se desvencilhar dele. Na história de vida de cada um, ou melhor, o respeito por ela se faz a peculiaridade, admite-se as fraquezas, problematiza-se. Enquanto circunscreve o encobrimento da condição em decorrência da transgressão dos limites pessoais, “o homem como homem, o homem segundo sua essência, o homem como núcleo essencial de seu ser-homem, encontra-se a descoberto a

ponto de ser o que não pode se encobrir na relação e por meio do que nunca declina.” (HEIDEGGER, 2002, p. 66). Declinar a que se refere Heidegger envolve a conquista do homem ao “adentrar o encobrimento”, é como os cimos da montanha, espelhamento do “inquebrantar-se”. Navegar um rio inventado com a mesma precisão de se ver sem princípios.

Vemos na falta de projeção, a incumbência de existir; a dispersão que o espelho reflete quando se olha por detrás de si mesmo. Liberdade e esperança se coadunam com a extensão da vontade não mais preocupada em conciliar o eu ao outro, mas a si. Dentro deste entendimento é o ser “sem pessoa”. Tanto há a miragem ao necessário quanto o alheamento. Notemos que não se trata de um desdém fortuito, é, sim, a atenção ao nada que leva ao não crer, a não subestimar e não hesitar quando o que está em jogo é a declaração de transparências conjuntas. Sozinho, o homem pervaga. Detém o desamparo por precaução e para se conhecer, escolhe fazer o contrário, única garantia de acerto. Antepõe os erros, fixando-se no interdito, no que não se cala para em seguida não dizer nada. Nada de congraçamento com o que seja finito, inibidor de seu auto-pronunciamento de modo recatado, beirando a loucura, o que interessa é o *modus vivendi*. Compartilhar apenas o impronunciado, gestual de conflitos gerados por si.

Ver-se uma página em branco é uma característica intrínseca de quem tem na invenção o domínio da inércia. Homens poéticos, homens narrativos sustentam-se através do ilogismo tão importante quanto um sistema racionalizante que aliena para uma visão exclusivista do mundo. Portanto, fugir do modelo, buscar o avesso das horas é a saída para aquele que deseja ser a palavra impronunciada.

O texto de Manuel de Barros projeta imagens poéticas cuja não finalidade desconcerta. A questão de ser o que a palavra pronuncia e não pronunciar a palavra dicionarizante, dá energia toda especial aos poemas que não tencionam contar nada, outrossim, experienciar o encobrimento como força propulsora das palavras. Falar da alma atormentada equiparada à voz dos pássaros, depois, medir os encantos de um sabiá de forma inclassificável é o fervor poético em ebulição. Criador sem, no entanto, propor a solução do enigma. Antes oferecer a tentação dele, mostrar o ocultável e não o descerramento. Alimentado por aquelas coisas sem dimensão, o ser poético perambula por instâncias inimagináveis. Outrora, desmerecido ante o que funciona mais, o presente infundável vê na vontade sentida, a grandeza empobrecida. Quanto menor, mais desvalorizado, maior o poder de monumentalizar-se para as coisas desnecessárias. Os vagabundos, os esquecidos da

sorte, os desmerecidos de ocasião tornam-se o diapasão da força poética que o matogrossense faz questão de enfatizar com uma linguagem enganadoramente fácil.

A prosa de Guimarães Rosa vai pela mesma vereda, embora com uma linguagem reconhecidamente muito trabalhada. A criança, o homem simples do campo e sua vivência protuberante dá ocasião para pensarmos num universo pleiteado pela liberdade de ser. Neste, há agruras bem como a felicidade inventada. Há sobretudo, a exposição de uma emancipação construída passo a passo com a interferência direta do sujeito que vive em função dela. Pensando por este prisma, Tio Man'Antônio era livre só em termos por ser o patrão.

Instaurado o processo gnosiológico nos dois textos, temos neles perpassada a idéia da negação como assertiva da emancipação. Negar a conduta, os costumes, a desenvoltura diante de situações inesperadas, eis a responsabilidade do sujeito perante a si mesmo, independente do que seja conveniente. É antes, a transformação por causa do nada que sem ser fraqueza, requer a sutileza do reino humano começado. O meio-termo da conciliação passa a ser a sinuosidade no trato com o semelhante, dar vida ao que normalmente é desmerecido; da convergência dos contrários (o patrão se igualando aos empregados, o ser poético fundindo-se à matéria esquecida, ao animal despercebido) provém a vontade que já não duvida de si. Demolida as limitações auto-impostas, a mutação existencial adquire vias de se concretizar, dando por isso testemunho de vitalidade. É bem verdade que de início há incompreensão por causa da aparente perda de autoridade do que reparte as terras com as filhas, trabalha a terra, valoriza-a para em seguida doá-las a quem de fato produz. O silêncio perturbador é de outra natureza. Diz muito do acerto existencial do sujeito ativo ponderado nos limites de vida e morte. Há em seu percurso os desequilíbrios das emoções profundamente humanas: a perda de um familiar querido, a desmistificação da aura de explicabilidade no itinerário bem traçado (o que vem a ser a felicidade nesta vida de infelicidades?). Reduzido em suas expectativas, o homem lança-se às elucubrações cujo interesse especulativo antecipa o esmaecimento do caminho habitualmente trilhado e sabido.

O grito da espera quando nasce o nada dá animação ao que não tem forma. O menos que soma a distância entre as gentes causa surpresa, espanto, e o sapo vira pedra e a pedra acontece. Neste conflagrar de nascimentos, também temos a distância entre as rãs e a relva premida pela capacidade inventiva do homem. Nas “coisinhas sem santidade” que transbordam o nada estampado no livro de Manoel

de Barros, entendemos a premência em atribuir estatuto pessoal a elas devido a solidão. Esta, aumenta a sensação de compreensão perante o mundo das coisas grandes bem explicadas mas não incorporadas. Por isso o desavisar das horas esticadas pelo canto dos pássaros faz o dia amanhecer ou entardecer ao sabor da mutação, esta sim, a riqueza do homem. Os destroços do abandono a cintilar as condições de sensibilidade na poesia de Barros sustentam o diálogo entre o aceitável e o impensado.

Resguardar do mundo enquanto há o encobrimento necessário de um “eu” a se fazer, concerne o mistério da vida. Onde há persuasão e dolo, o equivalente é o enternecimento; pela falta de deciframento em fatos não sentidos pela razão, impera a apreciação. É sobremaneira, um outro modo de viver, esse que nunca houve e ninguém pode prever. Tio Man’Antônio, cujas atitudes às vezes apontada como loucura – nisto bem próximo aos “excêntricos” encontrados na poesia de Barros – põe em prática algo que não se repete, dá a devida atenção à vida em seu eterno começar. Fica para trás as ordens mandadas, em seu presente, só as ordens inventadas; a nivelação entre quem executa e o que planeja é sinal de que a invenção atinge planos mais suntuosos. De pessoa para pessoa, com ou sem desatino, importa o poder da imaginação e as imagens daí decorrentes. O usual dispõe de sua quota e surge mais uma estória com brilho próprio. Desconfiar do caminho dado, pôr tenção naquelas coisas que contam quando não se conta mais nada, é extraviar a rota; reter os volteios conforme as curvas do rio que não encontram obstáculo, por isso vai ao encontro da não existência a fim de firmar o conjunto. Contribui muito neste aspecto a exigüidade das palavras afoitas, vale mais as insinuantes, os gestos que as abafam e dizem muito de soslaio, do intrínseco. Perduras as indispensáveis: faz de conta... faz de conta... com o poder da criatividade nelas inscritas, atingindo a força da coragem de quem ousa romper com o estimado e faz coro com os inquiridores.

A preeminência do unívoco destacada por Heráclito, envolve a multiplicidade dos pontos de vista a compor um cenário por si só divergente: o complexo humano. Com a mesma abrangência do fragmento 71: “É preciso lembrar-se também do que esquece por onde passa o caminho.” (2005, p. 95) temos tanto na poesia quanto na narrativa, o esquecimento dos detalhes que não interessam a uma vida de plenitude, em contrapartida fica viva a memória das coisas, dos fatos corriqueiros, das brincadeiras “sérias” que criam um mundo de vivências únicas. Menino/Homem a planger o dia, a riscar um traçado ainda não satisfeito, cobre da mais funda emoção

os desvãos que constam na estória de cada um. Por pouco, por muito, não importa o acúmulo da informação e sim a sabedoria da visão que escuta e compreende com o olhar, a riqueza do mínimo e pendão das coisas desatreladas. Homem à deriva, inquieto remexer, à escuta do tamanho de crescer, pesa e pondera com o despedir do tempo. Altaneiro para a vaidade do ter, ele assegura-se da errância de ser com a mesma pretensão de quem não deseja provar nenhuma tese e apenas seguir a irrelevância. Solto das amarras, dos homens, das coisas e opiniões comuns, o homem como criança ou vice-versa, “vem a ser segundo discórdia e necessidade” (2005, p. 96) para o quê, há o compartilhar dos objetos, dos animais que falam por si. De onde retiramos que em poesia o “orgulho do imprestável” é onde a funcionalidade perdeu importância, seguindo o ritmo do “milagrar” de um dia que começa e o canto dos pássaros que finda a tarde. O desprezo das coisas vãs, a propriedade sem rendas abandonada por certo tempo pelos familiares do personagem na narrativa, toma forma e adquire vulto nas mãos do ser que se faz enquanto reforma a fazenda. Mais uma vez é o nada agindo, colocando tensão, extrapolando os limites demarcados. Naquilo que é “tolice quase” uns começam e outros perseveram. No entrevero de gente, bicho e coisa há a criação, assim extraímos as lições do *logos* na Natureza que aprecia esconder-se. Do não-ser que não se isenta, encontramos imagens de vida, na coisa sábia que se separa, uma preparação. Algo muito maior que o dia-a-dia pensado, é aprontado partindo do que é comum a todos com vistas a um não-saber esperado. A distinção do trivial se faz justamente porque há o ouvir estudado com as sobras, o que não tem mérito, enfim, concentrar-se no melhor dos homens.

Por vezes evadido, o senhor de sua criação, voa em terra firme com a mesma circunspeção de quem se vê acrescentado para menos. Destoado das precauções, só interessa os defeitos, os remendos em coisa sã. O ser da poesia, aqui o avô que constrange o abandono, “entra” para rã, para árvore e para pedra, se sente como cada um deles a germinar seu dessaber. Convém à tecitura, este adentrar para a coisa não sabida, incorporar seu contorno e inventar um jeito de ser com essa liberdade aprendida. Matéria de ensino, mas também de aprendizagem, o “traste pessoal à-toa” serve à musicalidade da astúcia existencial. Fazer algo descabido e não achar nele nenhuma prevenção, por sua vez apregoar sua perfeita distinção, contribui à singularidade pessoal de que se nutre a poesia e a narrativa que estudamos. De fácil reconhecimento por causa do apartar-se das facilidades, aquele que tem o pessoal por meta, desfaz o que se espera. E dá motivo para isso. Deseja-

o, até. Mas, sem fazer alarde.

Em determinado momento do conto “Nada e a nossa condição”, mais especificamente após a morte de Tia Liduína, Felícia pergunta ao pai se a vida era feita apenas de traiçoeiros altos e baixos e se não haveria um tempo de felicidade. A resposta do pai seguida do gesto de abaixar a cabeça, o choro e o beijo na mulher, sugere uma sabedoria acumulada de tristeza. Uma ciência do ajuntamento da dor, em meio a compaixão, fruto de uma esperança não resignada. A transmissão disso às demais pessoas por parte de Tio Man’Antônio, se dá pelo silenciamento, do exemplo que não fica somente nas palavras. O insabível capta-se no sussurro, no entre-sorriso meio severo e pela percepção da estima sentida, superior à idéia de sujeição ou senhoria. Este personagem se destaca porque em sua caminhada existencial, o querer é a essência e ele prega isso por meio do trabalho engenhoso, de integrar as partes de uma construção. Via-se através disso, deseja também fazer ver. Contudo, é importante ressaltar que este personagem não comina as ações empreendidas; muito menos as pratica simplesmente por fazê-lo. É como se ele apontasse os espaços vazios da vida ao mesmo tempo que não colabora para que haja um preenchimento certo.

O ato morigerado dos habitantes da literatura, versa sobre a deformação das imagens convergentes. Ora é o fazendeiro que dispõe dos bens acumulados por meio de um trabalho árduo, ora é o avô que deslê o livro e desfaz-se com os objetos imprestáveis. Também temos homens crescendo pelo enraizamento na terra, feito árvore, feito pedra movente. Essas imagens, confundem-se amiúde pela sensibilidade que se quer recíproca, a fim de invencionar-se. Na poesia, os retalhos do vórtice vivencial estão espalhados em todas as páginas. Eles fazem o relevo seja por causa de um invento falso que adquire sua verdade, seja pela falta, o contrário que se quer alcançar. Desse jeito estratificado, as palavras acontecidas murcham para doar vida ao aludido, ao tempo que não chega para tudo. Pois, se intriga, convence sem, todavia, pretender dissuadir; mormente, arrogar o direito de derrotar as certezas. A vacuidade das ações; do interior dos homens; dos objetos e animais que se deseja historiar na poesia de Barros, não prima pelo cotejamento. Por vezes o leitor se desnorteia: onde presumir? Que parâmetros adotar? Há parâmetros? Quando a cada página do texto se descobre uma aventura de existir, aceita-se os riscos, perigar por níveis desfeitos de um pensamento não finalizado.

A distância entreaberta para o obscuro, predispõe o ser da ficção à profundidade. Não vemos nele objetivo para a cristalização, o fácil entendimento,

antes a busca da medida não determinada. O poema de número 14 que encerra a segunda parte do *Livro sobre nada*, apresenta um “eu” que fez o nada aparecer. O homem é representado como um poço escuro, cujo aprofundar pode dar idéia do nada que se vasculhou. Ele é, para tomarmos de empréstimo as palavras de Martin Heidegger, o “a-se-pensar” (2002, p. 253). Com isso, instaura-se as questões cujas respostas oscilam de acordo com a desmedida humana. O que ele faz? Porque faz? Visando a que? Porque não faz? São intrigantes visto que as respostas são precárias quanto ao percurso empreendido. Não é a simples informação sobre os atos do homem, a tônica de seu entender. Nem é nenhuma preleção por causa conhecida que nos fornecerá subsídios para fazer valer o mundo da nulidade que cerca o homem. Em compensação temos uma atitude controversa, um esgar com os conceitos estabelecidos ao conspícuo. As “bobagens de à brinca” trocam de lugar com as “de à vera” (BARROS, 2004, p. 15) incorporando o que se aproveita.

O que atravessa tem mais vantagem que aquele que chega ou planeja partir. Entendido isto, os resultados e as caracterizações dos personagens que se possa esperar, cede em projeção ao teor humano. Este, sob qualquer forma inventada, exige o preparo a fim de beirar o cerceamento das palavras; do modo de acolher a provocação com referência ao que elas deixam em seu rastro e os acontecimentos do texto reconhem em seu favor. Tomadas isoladas, as palavras não dizem o homem; assim como tomá-lo isoladamente, sem pelo menos tentar abarcar seu pensamento, nada nos assegura que possamos falar dele com propriedade. Não nos enganamos pensando obter um grau de suficiência por tentar resguardar o homem de um conceito, passando outrossim, a asseverar juízos temerários a cerca de um amontoado de passagens ou tomar passagens isoladas e crer nelas um vínculo. Acompanhar a condição humana na ficção literária é muito mais um trabalho de escuta, de espera sem recompensa. Isso que não se mostra, não se compra e nem se vende, colhemos, recolhemos na conjuntura, no complemento. Nesta acepção, permanece a ausência de sentido, a predisposição ao que é sempre mais digno de outra definição (desnecessária? Inconveniente?). Se atentarmos ao equilíbrio interno dos entes de ficção, veremos muitas vezes o assegurar-se de uma indefinição. Demovidos do interesse que palpita, impera o silêncio como forma de entendimento.

No conto de Guimarães Rosa o silêncio-instrutor aparece numa constância que revela e encobre do início ao fim. Explícita ou implicitamente, o personagem está envolto numa atmosfera de discrição. São inúmeras as expressões que

comprovam isso: Apartado em si; de gestos omissos; ele consigo mesmo; muito se calava; cerrada a boca; de tão dentro em si; murmurava coisas graves, grandes; sem som; pondo-se de parte; nada dizia quando falava; seu bom sussurro; o encoberto dele; separativo; seu surdo plano; de nenhum alarde; sozinho; respeitava a movida e muda matéria; tudo procedia à quieta; com o industrioso de silêncios; se afastava; sozinho de amigo ou amor. De forma que o homem neste conto é um ser aberto para o aberto com o respeito ao insabível. Ele, agora suave porque refez sua maciez ao abandonar a importância dada às coisas em multidão, aprendeu a ouvir e não querer impor seu pensamento. Nos tempos de agora, a vista debilitada, passou a muito ouvir, conheceu-se. Seus homens, são no presente exigidas partes de um texto por decifrar, tanto os ama na proporção que não os compreendem; redobra a atenção sobre o que os outros tem a lhe dizer. Tio Man'Antônio toma a vida como se ocultável fosse; numa continuação, ser, viver e crescer se completam com ser, servir e viver. Ele que “respeitava, no tangimento, a movida e muda matéria, (...)” (ROSA, 2001, p. 136) percebe mais causas no mundo e em si, tudo inestimando. Costumeiramente, ao afetar um cochilo, “pensava o que não pensava”, já transitoriante, “não pensava o que pensava”, transitoriador, “pensava o que pensava”. Porque predisposto a tudo, à cata da senha do secreto, à parte “dele a ele e nele” (idem, p. 139) com o horizonte acerta-se ao vazio. Sua fazenda, cujo ar era translúcido, afetava seu comportamento. Com o passar dos tempos, impregnado, transluz-se.

Podemos depreender dessa libertação uma negativa, uma recusa em adotar uma direção. Desmanchar o aspecto do lugar é muito mais ensejar na discrepância, estar preparado para agir e fazer com base num bom senso criado à imagem e semelhança de quem se coloca na mudança. Igualar-se não soa à mesmice, mas é adotar um saber de profundidade não só feito por homens ou instituído por eles, sobretudo, advém a ele pela atenção à pronúncia alheia. Isto constitui o saber alicerçado na diferença que não é enrijecida, antes, eleita como entendimento humano. Aí falamos em igualdade, embora possa dar a imagem do incompreendido que se fecha em si, visto como “caduco maluco estafermo, espantalho?” (2001, p. 138) o narrador prefere sábio, sedentariado. Às palavras de ordem são acrescentadas outras: faz de conta... nem tanto... num mixto de fantasia e realidade a amalgamar a existência que se funda num talvez não, nas misérias das coisas em multidão.

A sabedoria é pronunciada quando se coloca de parte, por detrás de si

mesmo, pega a paisagem pelas costas e avista o inútil, novo e necessário para existir. Acordado para as questões que a vida impõe, o protagonista do conto se abriga num senão, num quase e se afiança num pronto questionamento: “se é o que é que é” (idem, p. 133) adensado nele, introspecto e resoluto para o encoberto. Nesse perigar, o que se torna convergente? Como garantir o privado, primor do meticuloso? Esse alguma coisa que sobrepõe-se ao ajuntar-se das muitas coisas em miséria, forma um respingar que aglutina.

O anúncio sem lógica nem referência, associa-se ao proceder do homem feito poesia, aberto em flor. Com base numa outra perspectiva, mais intensa, mais plena de emoção, o profundo importa como chuva em terra seca, sombra em deserto. O escurecido na península da memória ganha poeticidade, revelando o diminuto. Neste, o truque de fabricar brinquedos é transmitido com a mesma seriedade de quem deseja fabricar a vida sem medida prévia. Por isso, a extensão do fazer de conta, com o inconcluso à reboque, aumenta o poder de divinar do homem na poesia. Se o abstrato é condenado, a realidade dura entra pelo desprestígio, entra para a efervescência das atribuições que precisam de um retoque. Assim exposto, o regime humano que tentamos assinalar apanha o amplo, apanha igualmente o irrisório: o vôo parado de um beija-flor; o lagarto atravessado nos olhos; o boquiabrir-se da impossibilidade infantil que, ajuntados em atenção vão se desdobrar num unir e reunir entendedor do homem.

Quando o personagem do conto entra em estado de contemplação, as coisas graves e grandes que parece ocupá-lo, se tornam partículas do indistinto sobre as quais lança os olhos. O faz, vendo surgir delas algo de si. Algo que já não tem o mesmo apreço de antes nem soa tão familiar. É dessa maneira um pensamento que se faz ação, na medida em que reside conjuntamente à sensibilidade de uma lembrança, não mais dolorosa e triste, mas “fina música e imagem.” (2001, p. 132); a falta de afeto do passado, e dos futuros antanhos forma das filhas seu nem ciente amor pelas “indivisas partes de uma canção” (idem, p. 136). Se assenhoreando dessa que parecia “idéia ingrata e estranhável” (idem, p. 134), através de um ânimo de coragem jamais visto, esse personagem, é símbolo de um saber em busca de si. Seu caráter aberto traz ao futuro à vista e no presente reunidor, um conselho. Não construído com base no passar de palavra a palavra, contudo, no deixar-se encontrar no e através do caminho em construção com o olhar. Onde há ausência, há uma demora de compenetração que oferece muito mais de si para entender. O personagem se engrandece enquanto se recolhe a fim de

medir seu pensamento feito poesia. Poesia que produz por se deixar achar, pensamento que diz o verdadeiro porque se mostra com um fundo de engano. Descobrir. Ponto de intersecção, esta é uma experiência do caminho que procura captar as coisas graves e grandes que passam pelo divagar do protagonista e ganhará outra dimensão para o que não é feito. O poema que pretende recolher a produção realizada pelo homem, sabe dizer as mesmas coisas através de algo que rola pelo chão, palpita entre os dedos, surge e retorna a si.

Já no livro *Gramática expositiva do chão* (2004), Manuel de Barros alterna aspectos para a compreensão do humano envolto pelo protocolo vegetal e desarticulado para a vida. O homem surge aí indistinto com o limo e os resquícios de pertences mais que pessoais: objetos sem nobreza que exigem cuidado redobrado. Cuidado sob uma relação refletida “tempo antes do depois” (ROSA, 2001, p. 138) entre o sujeito sem mérito pela descrição do que lhe pertence e o desabrochar da pobreza e miséria em vestígios soltos. Homem que se torna abrigo de pássaros, acometido de lodo e levado pelas formigas, está dentro de si, quer abrigo a fim de meditar o sentido num pressentimento de essência. Desarmado de todo tipo de prevenção, o homem pensante da poesia se junta ao que é mal-traçado, se deixa arrastar aos lugares com musgo para se misturar às árvores, ser árvore, ser terra, ser chão. O mundo que Tio Man’Antônio passou a olhar parecia maior, já o mundo habitado pela pequena rã exposta na *Gramática*, é o mundo visto de dentro de uma pedra. Invólucro permeável se, e somente se esse encobrimento trouxer em si o surgimento do que se encobre. Há delicadeza nesse cuidar. Há de se ter o refinamento do olhar, do sentir, da escuta. Esse homem que apanha detritos, compreende o restolho a adentrar em si e fazer o nada surtir efeito. Descoberto num beco, se acopla no esterco que nutre e faz crescer para em seguida ser descartado. Jogado fora, na indigência quase, nasce de dentro dele a erva rasteira, ele, terreno baldio. Ser da poesia, ser de extensão, ataca o que é peculiar com a mesma desenvoltura com que encanta as palavras e é encantado por elas: Faça de conta minha gente... O Destinado do conto, o que continua na essência do saber nem precisa de reconhecimento; os resíduos tomam rumo certo na poesia que se farta do sujo para falar de um herói instalado na passagem do despedaçamento para a luzência.

Desconfigurado, o herói tem a boca na pedra que o levava a cacto; é relvado pela praça e assume a solidão do peixe. Pedra, pó, canto é isso que o enleva, o fortalece para o não fazer nada e tirar dessa premissa um jeito de permanecer na

vida entre os seres vicejantes no rebotalho. Atraído pela inconstância, o companheiro e servidor do ínfimo, tem desígnios de adequação àquilo que o borra, enferruja, o estrofia e amarela do sol. Homem da lata do lixo cujos restos o abençoa, é armado do que não tem perdão; se alinha no rastejamento do lagarto, na gosma da lesma, condição de lata, lata enferrujada. Pelas beiradas, pelo remendo, compreendemos uma atitude, um gesto sem escapatória de se deixar submeter a um pensamento. Ele “é o exemplo de alguma coisa/ que não move uma palha” (BARROS, 2004, p. 24) e está no desvio. Desiludido daquelas coisas grandes e valiosas, tem ânsias da incidência do luar; de anexar-se ao muro com a sabedoria da lesma e sua completa percepção. Ouvir o sussurro e se inscrever no duradouro da mudança, é garantir um si-mesmo que é sempre interpelado na aquiescência da distância mínima entre o homem a pedra a árvore e o passarinho, enfim, uma coletividade doadora da existência.

Nesse projeto de ser, traduzir o pensamento de ser verdadeiro requer (como consta na poesia de Barros) deixar-se escorregar pelo silêncio, se postar nos interstícios e se ver “resto anuroso” no qual se compraz. Da narrativa, temos a anotar que o que está presente e não obstante ausente, ajuda a reunir e extrapolar o pensado. Isto é, a não-resposta, a cadência de um não. O conhecimento humano atravessado pelo nada ao qual nos lançamos em estudo, pode ser haurido na constituição que não exagera por buscar a “adequação do enunciado à coisa” (HEIDEGGER, 2002, p. 369) pode ainda mais ser traduzido da essência de um saber não nomeado, só resquício, sobra, dejetos, bagatela cuja performance é a condição humana nadificada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manuel de. *Livro sobre nada*. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2004
- _____. *Gramática expositiva do chão*. Rio de Janeiro-São Paulo: Record, 2004
- _____. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 1997
- CASTRO, Manuel Antônio de (Organizador). *A construção poética do real*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2004
- DESCARTES, René. *Discurso do método, As paixões da alma e Meditações*. Tradução: de Enrico Corvisieri. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999
- ESPINOSA, Baruch. *Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Tratado político e Correspondência*. Tradução: vários. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1997
- GOETHE, J. W. *Fausto-Werther*. Tradução de Alberto Maximiliano. São Paulo: Nova Cultural, 2002
- HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo*. Volumes I e II. Tradução de Márcia de Sá Cavalcante. Petrópolis: Vozes, 2001
- _____. *Heráclito: A origem do pensamento ocidental: Lógica: a doutrina heraclítica do logos*. Tradução de Márcia Sá Cavalcante Schuback. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1998
- HUME, David. *Investigação acerca do entendimento humano*. Tradução de Anoar Aiex. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996
- JAEGER, Werner. *Paidéia: A formação do homem grego*. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 2001
- KANT, Immanuel. *Crítica da razão pura*. Tradução de Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996
- _____. *Crítica da razão prática*. Tradução de Valério Rohden. São Paulo: Martins Fontes, 2002
- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Novos ensaios sobre o entendimento humano*. Tradução de Luiz João Baraúna. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1999
- LISPECTOR, Clarice. *Perto do coração selvagem*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998
- LOCKE, John. *Ensaio acerca do entendimento humano*. Tradução de Anoar Aiex. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2005
- MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. Vols. I e II. Tradução de Antonio Piquet e Roberto Machado. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 1996

PRÉ-SOCRÁTICOS. Tradução: vários. Coleção Os pensadores. São Paulo: Nova Cultural, 2005

ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001

ROUANET, Sergio Paulo. *Mal-estar na modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993

SOUZA, Ronaldo de Melo e. *A unidade poética do caos e do cosmos*. Revista Tempo brasileiro, Rio de Janeiro, 114-115: 121/136, jul.-dez., 1993

_____. *A desconstrução da metafísica e a reconciliação de poetas e filósofos*. In: LOBO, Luiza (Org.) *Globalização e Literatura*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1999

_____. *A poética dionisíaca de Clarice Lispector*. Revista Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 130-131: 123/144, jul.-dez., 1997